

## REFLEXÕES SOBRE O NEOLIBERALISMO

Francisco Vicente \*

O chamado "neoliberalismo" é um movimento internacional que realiza uma aliança programática entre diversas frações da burguesia no planeta para destruir o chamado Estado Social e dar um novo fôlego ao sistema de dominação vigente, através da retomada de máximas, princípios, temas e teses das correntes mais conservadoras do velho liberalismo. Articula nos campos do ideológico, da política e da geopolítica, da macroeconomia e do microespaço de poder, além do cultural. A geração de um novo processo de acumulação capitalista, a apologia do mercado em detrimento do Estado e a afirmação da propriedade privada são seus objetivos estratégicos.

*Assim como o marxismo nasceu da fusão da dialética hegeliana, do socialismo utópico e da economia política inglesa, o liberalismo em sua filosofia original, é uma síntese do racionalismo (a razão e não a fé como meio de conhecimento e guia de conduta), do naturalismo (o homem como uma realidade inscrita no 'estado da natureza' e não mecanicamente em uma ordem divina) e do individualismo (crítica da concepção organicista da sociedade própria da visão medieval católica).*

*O liberalismo é uma tradição antiga: suas primeiras sistematizações datam da segunda metade do século XVII e do século XVIII. Como visão de mundo orgânica ao capitalismo, ela sofreu várias mutações adaptativas nas diferentes fases de desenvolvimento do sistema. É possível identificar, inclusive, tradições específicas do liberalismo segundo o país de origem e de sua maturação. É, sem dúvida,*

---

\* Presidente da CUT/RS e do Sindicato dos Metroviários/RS. Geógrafo formado pela UFRGS.

*uma tradição de um extremo pluralismo: não seria artificial identificar correntes de 'esquerda', de 'centro' e de 'direita', autores mais ou menos sensíveis aos desafios democráticos, mais ou menos dispostos a relativizar as dinâmicas mercantis anti-sociais, que aceitam em maior ou menor grau a regulação do Estado sobre a economia.<sup>1</sup> (grifo nosso).*

Sem qualquer sombra de dúvidas, o neoliberalismo se constitui na posição mais à direita dentro do campo de tradição liberal.

O velho liberalismo do fim do século passado (XIX), no auge da predominância, no cenário internacional, do Imperialismo Informal<sup>2</sup>, permitiu e realizou uma transferência de recursos do Estado e da Sociedade Civil para o Mercado (oligopólios privados), de tal volume, que jogou a Humanidade num nível de miséria e desigualdade tão brutal que resultou na explosão da Primeira Guerra Mundial em 1914. Esta hegemonia foi quebrada, em 1929, dando lugar à implantação, na Europa, do chamado Estado de Bem-Estar Social. É o período da Guerra Quente (?), quando o enfrentamento entre a União Soviética e o Ocidente (Europa) era forte tendo resultado em guerras durante os anos 1920. Após 1945, com o fim da II Guerra Mundial, conheceremos o período da Guerra Fria, quando o embate entre a União Soviética e o Ocidente (Estados Unidos) é caracterizada pela intervenção em guerras de libertação nacional, nos bloqueios econômicos e na corrida armamentista.

O liberalismo tenta se renovar, através do resgate da lógica e da aplicação da desigualdade social, da supremacia do Mercado por sobre a Sociedade Civil e o Estado e do indivíduo por sobre o coletivo. No plano ideológico, através da mídia, ataca qualquer forma de organização popular e social e absolve os executores da política de segregação social. Pratica a política de exclusão social combinada com a descomunal concentração de renda e poder, através da corrupção. Defende a diminuição do Estado, botando a culpa de suas mazelas

<sup>1</sup> GUIMARÃES, Juarez. *Liberalismo e Neoliberalismo*. In: *Jornal EM TEMPO*. São Paulo: Editora Aparte, n.º 281, maio/95, pp. 10 e 11.

<sup>2</sup> Para Peter Taylor em "A geografia do imperialismo". In: *Political Geography*, New York, 1985, Logman Group Limited, pp. 66-94, o Imperialismo Informal é caracterizado pela dominação de mercados e é precedido, historicamente, pelo Imperialismo Formal que se caracterizava pela dominação física do território. Identificou 12 Estados Imperialistas e 412 "jurisdições coloniais", nos últimos cinco séculos.

por sobre o funcionalismo e nos problemas de qualidade do serviço público, especialmente no Brasil. Com isto, através das privatizações, transfere riqueza das mãos e dos bolsos da Sociedade Civil e do Estado para os grandes oligopólios privados.

O neoliberalismo é o meio desta tentativa de renovação. Embora tenha sido articulado na década de 1940<sup>3</sup>, somente em 1979, com a vitória eleitoral de Margareth Thatcher, na Inglaterra, é aplicado seu programa. Encontra, neste período, a gestão do chamado modelo de Estado de Bem-Estar Social em profunda crise e o movimento sindical mundial pagando os erros históricos cometidos pelo stalinismo e pela social-democracia.

O neoliberalismo defende a desigualdade enquanto princípio, ou seja, para haver ricos deve haver pobres, para realizar-se investimentos deve haver concentração. Busca o equilíbrio monetário do Estado, acabando assim com as concessões sociais praticadas pelo Estado de Bem-Estar. Dizem seus principais ideólogos que as raízes da crise estariam na corrosão das bases de acumulação capitalista provocadas pelas demasiadas concessões salariais e pelos excessivos gastos sociais. Isto estaria destruindo o nível de lucro das empresas e gerando inflação.

Relativamente ao programa de gestão, os governos neoliberais, de Thatcher e Cardoso, têm enxugado liquidez do mercado, contraído emissão monetária, aumentado taxas de juros, diminuído impostos sobre as camadas mais ricas, abolido controles sobre fluxos financeiros, desregulamentado a produção, precarizado o trabalho, provocado desemprego massivo, aplastado greves, atacado as organizações e os direitos dos trabalhadores, privatizado estatais, reduzido investimentos em políticas sociais públicas, retirado o Estado do processo econômico e provocado recessão como forma de evitar o retorno da inflação.

O período do Welfare State, - cujo correspondente histórico na América Latina coincidiu com o período de substituição de importações, caracterizado pelo protecionismo econômico, pela forte intervenção do Estado na economia

<sup>3</sup> A rearticulação dos ideais liberais, via neoliberalismo, dá-se inicialmente através dos intelectuais da Escola Austríaca (Friedrich Hayek, Ludwig Von Mises). O livro *O Caminho da Servidão*, de Hayek, de 1944, com o objetivo de tentar reverter a vitória certa dos trabalhistas ingleses no ano seguinte, lança as bases do programa que será desenvolvido pelas reuniões de eminentes neoliberais de Mont Pèlerin (Suíça) e pela Escola de Chicago.

e pelo populismo autocrático de Vargas e Perón, - tem o início de seu fim na crise do petróleo de 1973, cujas características eram baixas taxas de crescimento e altas taxas de inflação e endividamento do Estado.

Em 1980 Reagan assume o governo dos Estados Unidos animado com o neoliberalismo e, numa cruzada fundamentalista, através da intensificação da corrida armamentista vence, no cenário da Guerra Fria, a União Soviética, já em profunda e irreversível crise. Esta derrota é simbolizada pela queda do Muro de Berlim, em 1989. Durante a década de 1980, o neoliberalismo torna-se hegemônico no plano mundial.

*Com o fim da Guerra Fria, o mundo entrou num processo de reordenamento econômico e político, com conseqüências geopolíticas e estratégicas de longo alcance. Esses movimentos geram deslocamentos no poderio econômico dos países. Temos, como exemplo, os Estados Unidos: abalado na organização de suas relações produtivas, encontram-se com problemas econômicos estruturais. Apesar disso, ainda mantém, e de certa forma até reforçada, a hegemonia ideológica, política e militar.<sup>4</sup>*

Embora haja uma supremacia norte-americana, a nova configuração do mapa do poder mundial não está ainda completamente definida. Estados Unidos, Alemanha e Japão, liderando blocos, disputam essa hegemonia.

Samuel Huntington, em seu artigo, *America's Changing Strategic Interests*, de 1991, destaca mudanças de três tipos: *sistêmicas*, na *distribuição de poder* e nas *relações entre países*. Para ele

*as mudanças sistêmicas são as que ocorrem nas estruturas doméstica e da política internacional. Representam o desenvolvimento de uma nova economia global, de uma maior atuação de organizações transnacionais e da expansão da economia de mercado. Inserem-se ainda nesta*

<sup>4</sup> VICENTE, Francisco. *Os pressupostos para a integração regional do MERCOSUL e os desafios para o movimento sindical*. Trabalho de Graduação - Geografia - UFRGS, Porto Alegre, 1993, pp. 7.

*classificação a revolução nas comunicações, o aumento das tensões étnicas e nacionais e, principalmente, o declínio do poder militar em relação ao econômico. Em relação à distribuição de poder pode ser observado o relativo declínio do poder americano, a ascensão japonesa e européia, a desagregação da antiga União Soviética e o aparecimento de poderes locais no chamado Terceiro Mundo. Já as relações entre países tendem a apresentar um aspecto mais volátil, marcadas pela inexistência de alianças bem definidas e pela ambigüidade. O intercâmbio entre as grandes potências será caracterizado pela cooperação e conflito.<sup>5</sup>*

Diz ainda que os objetivos estratégicos dos Estados Unidos para a década de 1990 serão:

*A sua manutenção como primeira potência global, a prevenção do surgimento de uma potência militar hegemônica na Europa Ocidental e a proteção dos interesses americanos no Terceiro Mundo, em especial nas regiões do Oriente Médio e na América Central.<sup>6</sup>*

O fim da bipolaridade Leste-Oeste faz com que o eixo do conflito se desloque para a direção Norte-Sul. O ressurgimento do liberalismo intensifica este conflito.

No período da Guerra Fria, os alinhamentos, assim como os conflitos, entre os diversos países eram definidos pela ideologia. Atualmente, são cada vez mais definidos pela cultura e principalmente através das religiões e das etnias. Neste cenário, os conflitos entre valores ocidentais, orientais e islâmicos, constituirão um novo eixo de embates. Não se pode, contudo, descartar a combinação de confrontações ideológicas e culturais, a partir de transformações sociais radicais, com importantes processos de alteração na correlação de forças.

<sup>5</sup> ARAÚJO, Braz José de et all. "Estados Unidos e Japão na nova ordem mundial". In: *Fim de Século e Globalização*. (organizado por Milton Santos e outros). São Paulo: HUCITEC-ANPUR, 1993, pp. 139-140.

<sup>6</sup> Idem.

No chamado Terceiro Mundo, China, Índia e Brasil constituem-se em alternativas emergentes pelo peso de seus recursos, suas populações e seus processos de acumulação.

A partir da década de 1990, o neoliberalismo passa a instrumentalizar três grandes movimentos de dimensões e complexidades enormes, que tiveram origem em ambientes históricos e épocas distintas e os articula nas esferas da Economia Política, tornando-os instrumentos de realização de seu poder. Os megablocos de poder, a III<sup>o</sup> revolução tecnológica e a globalização.

A constituição dos megablocos de poder é articulada, via processos de integração regionais, tais como, CEE, NAFTA, MERCOSUL, ANPEC, por meio de organismos de amplitude internacional, como a OMC, o FMI e o Banco Mundial e por articulações internacionais da elite dominante como o G7, a Trilateral e o Clube de Roma. As integrações regionais contemporâneas surgiram em 1951 com a criação do Mercado Comum do Carvão e do Aço, o qual reunia Alemanha, França, Itália, Bélgica, Holanda e Luxemburgo, apenas seis anos após o fim da II Guerra Mundial. Evoluem no pós-guerra, inseridos no ambiente histórico do Estado de Bem-Estar Social e da Guerra Fria. Articulam mercados, estados e sociedades. A partir dos anos 1980 passam a ser instrumentalizadas pelo neoliberalismo aumentando o ritmo de exploração da sociedade e da natureza e realizando um novo assalto às “gorduras” do Estado. Existem três blocos estratégicos e um outro em constituição. NAFTA, ANPEC (países do Pacífico, incluindo China e Japão) são comandados pelos Estados Unidos e a CEE pela Alemanha. Os norte-americanos articulam agora a ALCA - Associação de Livre Comércio das Américas - para adequar a exploração conjunta do continente. O MERCOSUL, assim como os outros processos, na América Central e na África, constituem integrações subregionais, sem capacidade de alcance global pois são formados por países política, econômica e ideologicamente submetidos ao imperialismo.

Uniformização de métodos de produção com conseqüente redução de custos, brutal processo de concentração de renda causado, dentre várias outras causas, pelo aumento geográfico da região de produção e do consumo e pela redução das tarifas alfandegárias, nítido benefício logístico das multinacionais previamente instaladas, aumento do desemprego, aumento de falências e quebras de pequenas e médias empresas são algumas características dos processos de integrações regionais. Com o ascenso do neoliberalismo enquanto política hegemônica, as integrações subregionais abrem ainda mais seus mercados, ao contrário dos países imperialistas e praticam, ao invés da complementaridade

econômica, a competição selvagem. Na contracorrente da exploração, o movimento sindical tem, nesses processos, meios que articulam interesses de classe concretos e, por isso, possibilidade de articular lutas movidas por projetos e reivindicações também concretos, tais como Cartas de Direitos Sociais, fundos públicos para reconversão produtiva, formação profissional e geração de emprego, possibilidade de convenções coletivas macrorregionais, ratificação e respeito às convenções internacionais da OIT, democratização dos organismos de integração, constituição de instituições comunitárias, com participação popular efetiva, que regule e conduza o processo de integração em todos os seus aspectos.

Mais que nunca a política do pensar globalmente e agir localmente deve ser adotada pelo movimento sindical, buscando a integração real da classe trabalhadora. As CUT's Estaduais dos Estados das regiões Sul e Sudeste devem construir ações conjuntas com Centrais Sindicais de outros países em relação ao MERCOSUL. A CUT deve estimular o debate e as ações em relação à ALCA. Devemos buscar construir comissões de base nas empresas transnacionais aqui instaladas, em conjunto com os trabalhadores dessas empresas em outros países. Devemos construir a globalização da luta.

Por meio da globalização, enquanto expressão contemporânea do Imperialismo, os oligopólios privados, hegemônicos pelo neoliberalismo, realizam, em amplitude planetária, o controle dos dois aspectos fundamentais da III<sup>o</sup> Revolução Tecnológica, a informação e a comunicação. A transmissão instantânea de informações permite a realização concomitante da exploração e da transferência de seu resultado, o lucro. A informação constitui, *de per se*, valores que tendem a se concentrar. A comunicação, por sua vez, é originalmente, coletiva, pois somente se realiza com a relação entre dois ou mais sujeitos. Tende a democratizar o controle da informação, pois aumenta o número de pessoas que, se não a controlam, pelo menos a detém. São faces da mesma moeda, tese e antítese, contradição permanente.

A globalização permite um grande controle vertical do processo de produção através do plugamento de infinitos pontos - unidades produtivas, Estados, centros de informações - no planeta, permitindo assim, a máxima horizontalização da produção, através da terceirização, da informalização e da precarização laboral, alterando o perfil da classe trabalhadora e da própria burguesia.

O movimento sindical precisa estar atento para este processo, adequando

suas ações e estruturas para objetivar a organização desta nova classe trabalhadora num patamar superior. Assim, a constituição de organismos sindicais, inclusive regionais, que visem a incorporação do conjunto da classe, considerando sua pluralidade, deve ser realizada. Perante o quadro de relativa unidade e controle do Império Global, somente a mais ampla unidade de ação permitirá ao movimento sindical a manutenção de posições ocupadas em décadas anteriores. Vivemos momentos de refluxo, de perdas de espaço e de direitos. A linha de resistência deve ser levantada a partir de ações concentradas, de larga amplitude, com forte apelo popular, bem planejadas, com objetivos bem claros. Acabou a época do improviso no movimento sindical. Não cabe mais chamar plenárias esvaziadas de um dia para o outro. A divisão da classe, por motivos que não sejam estratégicos ou de princípios, constitui-se em alta traição.

Diferentemente da Europa, onde é comum encontrar-se diversas nações vivendo dentro do mesmo Estado (Espanha, Iugoslávia, etc.) ou do mundo árabe, onde diversos Estados são controlados pela mesma Nação, nas Américas, em geral, e no Brasil, quem nasce no espaço geográfico de um dado Estado pertence à mesma Nação. Isto, se por um lado confere um caráter bastante plural a essas sociedades, por outro, não configura a existência de minorias nacionais ou regionais, criando condições históricas favoráveis para o trabalho conjunto. O movimento sindical europeu se dividiu na década de 1950 porque a burguesia européia, no espírito do Estado de Bem-Estar Social, concedeu tudo o que podia para evitar que os trabalhadores do continente fossem ideologicamente ganhos pelo “perigo vermelho” que morava ao lado. As torneiras estavam abertas e cada corrente ideológica constitui sua central sindical para mais acumular e capitalizar. Se por um lado, naquele período, as condições de vida dos trabalhadores tiveram uma substancial melhora, por outro, a taxa de sindicalização caiu e a divisão da classe trabalhadora européia se aprofundou. Na década de 1980, o neoliberalismo encontra o movimento sindical europeu em crise aberta, sem capacidade de reação. A palavra-de-ordem da unidade de ação volta ao meio sindical. Hoje, na Itália, país onde o divisionismo mais prosperou, quem sentar sozinho na mesa para negociar com a patronal é traidor da classe. Na atual conjuntura brasileira, quem ousar dividir a classe ou a CUT merecerá a mesma ignóbil e lacaia denominação porque atualmente a palavra chave da classe trabalhadora chama-se **unidade**.

No âmbito da globalização, as redes de computadores, via Internet, tendem a diminuir o poder da mídia televisiva, cuja característica é a realização absoluta do controle e da manipulação ideológica da informação. A possibilidade

de comunicação via espaço cibernético, de certa forma, recria, virtualmente, o ambiente no qual os antigos gregos atenienses se reuniam na *ágora* – praça pública – para realizar sua *ecclésia* – assembléia de cidadãos – e decidir sobre o destino de sua cidade. O resultado da deliberação ou dos debates, naquela época, podia ser chamado de opinião pública. Hoje, o que temos é a opinião da mídia, pois as pessoas não conseguem interferir no núcleo da informação, seja para aprimorá-la, contestá-la ou corrigi-la. É necessário construir redes de informação instantânea do movimento sindical, combinadas com redes de comunicação e relação com os trabalhadores dentro de seus locais de trabalho. A democratização dos meios de comunicação, com a possibilidade da sociedade civil organizada poder operar veículos de comunicação social deve se constituir num objetivo a ser alcançado.

Contra o neoliberalismo não basta o discurso. Há necessidade de profunda análise e de ação na contracorrente da exploração.

Observa-se que as empresas transnacionais têm instalado suas mais recentes unidades produtivas longe dos grandes centros urbanos. Longe das grandes aglomerações de trabalhadores, do movimento sindical mais organizado. Assim agem porque sabem que as conturbações, as metrópoles, enfim, a cidade, se constitui no *locus* privilegiado de resistência à dominação global. Nas cidades, por mais desumanas que sejam, as relações sociais cotidianas são inevitáveis. A solidariedade sobrevive e a coesão política é possível por maior que seja a sócio-diversidade. Para enfrentar o neoliberalismo precisa-se superar o sonho, enquanto uma conjunção de vontades impossíveis, e realizar nossa utopia enquanto concretização cotidiana de nosso projeto socialista, solidário e democrático.

Sob a égide do Imperialismo Global, a luta de classes se dá tanto nos diversos planos virtuais e concretos da globalização e das integrações regionais quanto no âmago das unidades produtivas – seu espaço de produção.

O neoliberalismo hoje instrumentaliza também o resultado daquilo que se chama IIIª Revolução Tecnológica, a qual representa uma profunda alteração no sistema capitalista de produção, impulsionada, principalmente, no Japão, após ser este destruído na IIª Guerra Mundial.

No final do século passado (XIX), quando o liberalismo reinava absoluto no cenário mundial, nas ondas da IIª Revolução Tecnológica, também chamada de Revolução Industrial, o taylorismo tornou-se hegemônico no sistema de

produção capitalista. Pode-se conceituar o taylorismo enquanto “*controle do trabalho (pelo capital) através do controle das decisões que são tomadas no curso do trabalho*”<sup>7</sup>.

Podemos dizer que o taylorismo tem como características principais a “*separação das tarefas de concepção e execução, divisão e subdivisão das tarefas e a adjudicação de um tempo a cada gesto*”<sup>8</sup> e que o fordismo, no início do século, portanto no auge da última era de dominação liberal, supera, preservando suas características, porém, introduzindo as linhas de montagem e um novo modo de gestão do trabalho, dando um grande impulso nos processos de mecanização. Enquanto o taylorismo busca o controle do trabalho individual, as introduções fordistas permitem o controle do trabalho coletivo. O neofordismo será caracterizado pela aplicação da automação nestes processos, já numa clara transição revolucionária rumo à robotização e ao controle informacional do trabalho, características do atual sistema de produção capitalista.

Após o fim da II<sup>ª</sup> Guerra Mundial, o Japão iniciou um processo de transformação do sistema, cujas principais características eram: “*controle de qualidade total, racionalização da fábrica, flexibilidade das linhas de produção, produção em tempo (kanban), paternalismo e colaboração (emprego vitalício, consulta e círculos de controle de qualidade)*.”<sup>9</sup> A introdução da tecnologia microeletrônica no Japão tem lugar em 1975 e permite às empresas japonesas criar as condições para a disputa do mercado internacional.

A classe trabalhadora brasileira nasceu, em meados do século XIX, sob o taylorismo. Não conheceu, portanto, outros sistemas de produção, com exceção do escravista. Na Europa, o trabalho sob o capitalismo, anterior ao taylorismo, era realizado em equipe e o trabalhador tinha, senão controle, ao menos conhecimento de todo seu ciclo. Sob o taylorismo, o que importa é a realização da tarefa, no menor tempo possível. O trabalho coletivo é destruído. Cada qual realiza a sua tarefa, sem saber ou interferir nas de outrem. Há um verdadeiro divórcio entre o homem e o produto de seu trabalho que é a mercadoria. O trabalhador não pensa o conjunto de ações de seu cotidiano, mas apenas fragmentos repetidos. Não consegue, ao final da tarefa, reconhecer sua marca no produto.

<sup>7</sup> NETTO, Benedito R. Moraes. *Marx, Taylor e Ford: as forças produtivas em discussão*. São Paulo: Brasiliense, 1989, p. 33.

<sup>8</sup> Idem, p. 35.

<sup>9</sup> RATTNER, Henrique. *Impactos Sociais da Automação: o caso do Japão*. São Paulo: Nobel, 1988.

Este sistema de produção, combinado com a estrutura sindical varguista, gerou uma classe cujas características são as que conhecemos: fragmentada, alienada e individualista.

As mais recentes transformações no mundo do trabalho, embora venham sendo praticadas desde a década de 1950, somente chegam no Brasil na década de 1990, pelas vias da instrumentalização do neoliberalismo. Por isto, as características aqui são diferentes. Não existe trabalho vitalício, nem colaboração. Há uma manifesta vontade das elites oligárquicas, no Brasil, de aplicar um sistema que, essencialmente reforça o controle sobre o processo de trabalho aumentando a taxa de extração de mais-valia, ao mesmo tempo em que realiza a mais completa inserção passiva da economia nacional aos desmandos do Imperialismo Global.

Há, no entanto, um aspecto que precisa ser melhor estudado. Ao que tudo indica, a superação do modelo taylorista/fordista recoloca a questão do trabalho em equipe. Os novos processos de trabalho indicam rumos neste sentido. Este fator, por certo, criará uma configuração de relações nas unidades produtivas completamente diferente da atual, muito mais qualificada e complexa.

No Brasil, o tema é mais conhecido como qualidade total. Vem, geralmente, acompanhado por um discurso retórico de parceria (apenas nos custos), de competitividade e de modernidade. Tem produzido, na verdade, a eliminação de postos de trabalho, uma fantástica queima de capitais, via falências e quebras, gerando reconcentração de renda e arma a burguesia para enfrentar a classe trabalhadora no próprio local de trabalho, no retorno do quadro de produção coletiva e estoques flexíveis.

Por estes motivos, a organização dos trabalhadores nos locais de trabalho constitui uma tarefa estratégica do movimento sindical. Até hoje, os sindicatos brasileiros, por estarem ausentes dos debates acerca dos sistemas, processos e modos de produção, tem agido como corretores da força de trabalho, atuando apenas na negociação do valor do trabalho, ou seja, o salário. Como a burguesia trata a força de trabalho apenas como mercadoria e o salário como seu preço, pode-se perceber os limites das negociações neste nível.

O trabalho precisa ser resgatado em sua plenitude enquanto força transformadora da realidade, dentro da concepção filosófica de Wilhelm Reich, na qual “o Amor, o Trabalho e o Saber regem a Vida. Deviam também reger a Humanidade”.

No combate ao neoliberalismo “*não se pode ter nenhum medo de estar absolutamente contra a maré política do nosso tempo. Nem transigir em idéias, nem aceitar nenhuma diluição de princípios, além de não aceitar nenhuma instituição estabelecida como imutável*”<sup>10</sup>, pois como já dizia Marx, em seu *Manifesto Comunista*, no século passado, “tudo que é sólido se desmancha no ar”.

Faz-se necessário reconhecer as fraquezas do sistema e atuar sobre elas, além da afirmação de um novo projeto socialista, que supere as experiências do stalinismo e da social-democracia.

Além da organização do conjunto da classe, para além do setor formal, com estruturas adequadas, não asfixiantes e não burocráticas, o movimento sindical deve trabalhar com ações unitárias e com a otimização das estruturas, através da unificação e racionalização de suas estruturas, investindo o superávit de recursos na luta unitária.

Para além do princípio de combate e de nossas ações imediatas, Perry Anderson pergunta:

*Quais seriam os elementos de uma política capaz de varrê-lo? (ao neoliberalismo, por suposto). O tema é vasto. Vou indicar aqui somente três elementos de um pós-neoliberalismo possível:*

1. *Os valores. Temos que atacar robusta e agressivamente no terreno dos valores, ressaltando o princípio da igualdade como o critério central de qualquer sociedade verdadeira. Igualdade não quer dizer uniformidade, como afirma o neoliberalismo, mas, ao contrário, a única autêntica diversidade (...)*

2. *A propriedade. A maior façanha histórica do neoliberalismo certamente foi sua privatização de indústrias e serviços estatais. Aqui se consumou a sua longa cruzada anti-socialista. Paradoxalmente,*

<sup>10</sup> ANDERSON, Perry. *Além do Neoliberalismo*. Palestra proferida na Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 1995, reproduzida pelo Gabinete do Deputado Federal Miguel Rosseto, do PT/RS, em junho do mesmo ano.

*lançando-se em tal projeto ambicioso, teve que inventar novos tipos de propriedade privada.*

Aqui, cabe recolocar o debate sobre empresa pública, nem estatal, nem privada, sobre o cooperativismo e a gestão democrática do mercado e das unidades produtivas.

3. *A democracia. O neoliberalismo teve a audácia de dizer abertamente (...) precisamos de menos democracia (...) O rumo da mudança deveria ser o oposto do neoliberalismo; precisamos de mais democracia (...)*

Para o Brasil, isto significa hoje, impedir os golpes na Constituição por casuísmos ou interesses eleitoreiros, realizar a reforma agrária, combater o desemprego e barrar as reformas neoliberais em curso.

Porto Alegre, 1997.

30º ano da morte de Che Guevara.

80º aniversário da Revolução Russa.